



A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM EM JOHN DEWEY

Rodrigo Augusto de Souza

Universidade Federal do Paraná – UFPR
rodrigoaugustobr@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo apresenta aspectos da concepção de linguagem no pensamento de John Dewey (1859-1952). O pensador norte-americano defendeu uma compreensão da linguagem baseada em perspectivas inovadoras para o seu tempo e que demonstra ser útil ainda em nossos dias. A concepção de linguagem de Dewey será explicada por meio das noções de *significação, pensamento e comunicação*. Dewey chegou ao entendimento de que o pensamento só é possível nos limites da linguagem. Por outro lado, mostrou o pensamento como atividade distinta da linguagem, mas que depende dela para a comunicação. Desse modo esses elementos se articulam na concepção deweyana de linguagem. Entende-se sua compreensão da linguagem articulada com essas noções, cujas nuances procura-se demonstrar por meio deste estudo.

Palavras-Chave: Linguagem. Pragmatismo. Comunicação. John Dewey.

THE CONCEPTION OF LANGUAGE IN JOHN DEWEY

Abstract: *This paper presents aspects of language as they are conceived in John Dewey's thoughts (1859-1952). The American thinker defended a comprehension of language based on innovative perspectives for his time, which are still useful in our days. Dewey's conception of language will be explained by means of notions such as significance, thought and communication. Dewey came to understand that thought is only possible through the limits of language. On the other hand, he showed that all thought processes are distinct from language, but that they depend on it for communication. Thus these elements are connected in the Deweyan conception of language. His comprehension of language is understood as linked with these notions, whose nuances this study seeks to demonstrate.*

Keywords: *Language. Pragmatism. Communication. John Dewey.*

* * *

Introdução

A preocupação com a *linguagem* foi uma característica marcante no pensamento de John Dewey (1859-1952). Podemos afirmar que esse foi um interesse fundamental dos pensadores norte-americanos ligados ao pragmatismo, sobretudo, de Charles Peirce e sua semiótica. A *teoria dos signos* de Peirce operou

uma verdadeira transformação no modo de se compreender a linguagem. Voltando sua atenção à dimensão do significado da linguagem, a semiótica de Peirce teve repercussão nos campos da lógica e, principalmente, no da comunicação. Essa foi uma de suas grandes contribuições ao pragmatismo. Com John Dewey, a questão do *significado* ganha novos contornos e peculiaridades. Dewey ampliou sua compreensão também para a educação, a vida social e a comunicação.

Em nosso estudo, buscamos investigar no pensamento de Dewey a concepção de linguagem com base em três noções: *significação*, *pensamento* e *comunicação*. A questão da linguagem em Dewey também toca no tema da lógica e do seu empenho na reconstrução das proposições lógicas. No pragmatismo de Dewey, muitas vezes denominada como experimentalismo ou como instrumentalismo, a noção de experiência ganha novas perspectivas. Cara à tradição empírica, a dimensão da experiência passa a ser entendida em sua articulação com a *vida prática* e cotidiana dos *indivíduos* e das *comunidades* humanas. Não está apenas restrita ao âmbito do conhecimento, à maneira do empirismo de Bacon, nem tampouco na forma de compreensão do positivismo de Comte em sua procura pelo dado positivo e pelos fatos científicos. A experiência em Dewey significa algo diretamente relacionado com o mundo da vida (que é ao mesmo tempo individual e comunitária). A linguagem entraria aqui na forma da *experiência compartilhada*, por isso mesmo ela tem uma dimensão social bastante arraigada. Falar ou dizer algo significa agir sobre o mundo. Isso se aproxima da teoria dos *atos de fala* de John Austin, ou seja, falar significa *fazer coisas* com as *palavras*. De modo simples, a linguagem é uma forma de ação e transformação do mundo.

Uma dimensão mais complexa do pensamento de Dewey está na articulação entre *pensamento* e *linguagem*. Pensar só é possível dentro dos limites e das possibilidades da linguagem. Não é possível pensar fora da linguagem. Pensar é recorrer a símbolos e significados, que são, por sua vez, construções linguísticas. A formação da mente está condicionada pela linguagem, que é inerente aos grupos humanos. Algo muito semelhante às ideias de Wittgenstein, com seus *jogos de linguagem*. Certo tipo de mundo é projetado por meio da linguagem, que contempla ao mesmo tempo o elemento verbal e não verbal. O pragmatismo da filosofia de língua inglesa inseriu a linguagem nos ditames da *pragmática*. A preocupação com a língua em uso, com os arranjos, ou para usar a palavra de Wittgenstein, com os jogos inerentes aos diferentes usos da linguagem. Isso demonstra que a linguagem não está fixada para sempre em códigos linguísticos seguros, à moda da linguística estruturalista de Saussure. Mas ela passa por arranjos permanentes e contínuos. A linguagem é algo vivo e que está em uso.

A respeito da *comunicação*, considera Dewey: “Tudo está diretamente envolvido na existência do falar inteligível. Não é possível tal presença simultânea de finalidade e de instrumentalidade em coisas enquanto puramente *físicas* – isto é, com abstração da presença potencial em uma situação de comunicação. Todas as coisas têm um aspecto [de?] comunicabilidade em potencial. Qualquer coisa concebível pode entrar no discurso” (DEWEY, 1980, p. 38). A comunicação, na perspectiva deweyana, leva em conta a dimensão do *falar* e do *perceber*. As coisas apresentam-se aos indivíduos e aos grupos humanos como fenômenos, que são percebidos, reconhecidos e experimentados. Isso tudo em uma dimensão lógica e comunicacional que remete ao horizonte da significação e da definição das coisas. O objeto precisa ultrapassar a sua dimensão física e chegar à inteligibilidade humana de tal modo que faça sentido aos indivíduos.

1 Linguagem, Signo e Significação

A questão da linguagem no pensamento de John Dewey leva em conta a crítica do pragmatismo à ideia de representação. Em termos dos estudos da linguagem, a *pragmática* diverge da *representação*. Quando nos referimos ao pragmatismo linguístico, tratamos da língua em *uso*, na noção de representação temos categorias construídas e fixadas por meio da linguagem. Aqui a pragmática rompe com a ideia do pensamento ou da linguagem como forma de representação. Muitas vezes a ideia foi compreendida como sinônimo da representação. Se tomarmos como exemplo a dialética nocional de Hegel, temos uma evidência dessa caracterização. Hegel utilizou-se da representação em sua filosofia. A expressão própria do pensamento hegeliano: “*Vorstellung-Begriff*” (conceito-representação) faz uso desta ideia. Encontramos também em Kant a utilização da ideia de representação. Dewey, profundo conhecedor de ambos os pensadores alemães, parece tomar outros pressupostos em sua análise da linguagem, mais próximos da pragmática.

O tema da linguagem em Dewey relaciona-se também com a noção de experiência, que, no pragmatismo, recebe conotações completamente diferentes do empirismo tradicional de Bacon ou do Positivismo de Comte. Trata-se de experiência de vida orientada pelo critério pragmático. “A origem empírica, o teste experimental, e o prático uso das declarações da ciência são suficientes para indicar a impossibilidade de conservação a qualquer divisão lógica fixada em decisões e juízos universais como científicos, e individuais como práticos” (DEWEY, 1999, p. 30). Desse modo, Dewey uniu o pensamento empírico e a prática científica com teste experimental à sua definição de experiência. O pensador norte-americano foi enfático ao dizer que “a ciência é apenas o forjamento de instrumentos que tratam com casos de experiências individuais – casos negociados, supondo que o indivíduo é apenas o único e insubstituível como são aqueles casos da vida moral” (*Ibidem*). A verdade, manifestada pela linguagem, não é um ser, mas um arranjo linguístico temporário que serve aos indivíduos e suas respectivas comunidades (DEWEY, 1958, p. 161). O pensamento deweyano enfrentou o difícil problema da metafísica, presente na ciência e, por sua vez, manifestado na linguagem.

Como sabemos, a questão da verdade encontra-se a um passo da metafísica, seja ela presente nos âmbitos da linguagem, da teoria do conhecimento, da ciência ou da moral. Essa tênue fronteira, mostra que Dewey defendeu uma verdade *pós-metafísica*, ou seja, ele não recorreu aos sistemas metafísicos para legitimar suas ideias sobre linguagem, tampouco sobre a verdade. Por outro lado, o naturalismo não foi cultuado como fonte da verdade ou mesmo da linguagem. Isso mostra a formação hegeliana de Dewey, ou seja, o homem precisa ultrapassar o seu estado de natureza, educar-se.

A linguagem, os signos e a significação vêm à existência não por intenção ou desejo, e sim por excesso, como subprodutos, nos gestos e no som. A história da linguagem é a história do *uso* feito dessas ocorrências; um uso que é eventual tanto quanto memorável. [...]. Se a simples existência de sons constituísse a linguagem, os animais conversariam de modo mais sutil e fluente que o homem. No entanto, tornam-se linguagem quando usados dentro de um contexto de auxílio e direção mútuos. Apenas estes últimos são fundamentalmente importantes quando se pretende considerar a transformação dos gestos orgânicos e dos gritos em nomes, coisas

com significação, ou seja, a origem da linguagem (DEWEY, 1980, p. 35).

Esse é um ponto controvertido no pensamento de John Dewey. Ao defender a importância da direção e do auxílio na linguagem, o pensador norte-americano acentuou um elemento muito importante da sua pedagogia, a saber: *a educação como direção*. Recomendamos uma leitura atenta do capítulo 3 da obra *Democracia e Educação*. Uma interpretação recorrente do pensamento de Dewey (1959b) é a classificação de sua pedagogia como uma espécie de autoeducação e autodidatismo. As ideias pedagógicas deweyanas foram entendidas, de modo equivocado, como um espontaneísmo pedagógico. No entanto, o pensador deixou muito claro que a educação é um processo de “direção, controle ou guia”, em vista de “auxiliar por meio da cooperação, as aptidões dos indivíduos guiados”. Insistiu que “direção exprime a função fundamental que, em um dos extremos, tende a tornar-se um auxílio condutor e, no outro, em regulação e regra”. Dewey fez uma observação: “em todos os casos deveremos cuidadosamente evitar uma significação às vezes implícita no vocábulo governo e controle”. A questão da significação tem uma dimensão social muito explícita: “regulação ou controle denota o processo pelo qual ele [o aluno] é levado a subordinar seus impulsos naturais aos fins públicos ou comuns” (p. Ibidem 25). Mais adiante, Dewey aborda especificamente o tema da linguagem:

É a linguagem um caso desta relação de nossos atos com os de outras pessoas tendo em vista uma situação comum. Daí a sua inigualável significação como meio de direção social. Mas a linguagem não seria esse instrumento eficaz se não se sobrelevasse a usos mais grosseiros e tangíveis de meios materiais para a consecução de resultados que constituem as suas bases. [...] Quando as crianças vão para a escola já possuem juízo – têm conhecimentos e aptidões para julgar, aos quais se pode recorrer por meio do uso da linguagem (DEWEY, 1959b, p. 35).

Dewey mostrou a linguagem como *instrumento* da interação *social* entre os indivíduos. A linguagem é necessária para a vida comum, ou seja, a *associação*, a formação dos grupos ou comunidades humanas. Podemos compreender a linguagem como um meio de *direção social*. Há também a dimensão da consecução de resultados práticos e úteis aos indivíduos. De acordo com Dewey, a linguagem não é atributo da escola, que por sua vez deveria ensiná-la às crianças. Ao contrário, ela é inerente à vida. As crianças já fazem uso da linguagem quando chegam à escola. A linguagem, portanto, é uma necessidade de vida, como a educação também o é.

Para Dworkin, entender a linguagem em Dewey é uma tentativa de compreender o modo que o pensador utilizou-se dela em sua obra. Trata-se de um entendimento da linguagem de Dewey e de sua teoria da linguagem. O aspecto da linguagem de Dewey revela a forma usada por ele na construção linguística de seus textos e de suas narrativas. A ênfase volta-se para a escrita de Dewey, seus artifícios no uso da linguagem em seus escritos e pensamento. Por sua vez, a sua teoria da linguagem, refere-se ao modo como o pensador defendia o uso da linguagem em suas ideias filosóficas e pedagógicas.

A linguagem de Dewey, de fato, é o principal fator nos problemas persistentes da medição dos efeitos do seu trabalho contra suas intenções, e distinguindo os escritos da interpretação de seus discípulos. Dewey escreveu mal. Seu estilo estava frequentemente opaco, sua terminologia ambígua. Em seus escritos sobre problemas técnicos da filosofia, isso é verdade que ele estava tentando expressar raciocínio anti-dualista na linguagem tradicionalmente e inerentemente dualista. Mas aí encontra-se uma das mais sérias dificuldades de todo o seu trabalho. O problema de sua linguagem é inextricável do problema de sua filosofia, independentemente das infelicidades de seu estilo. [...] A linguagem de Dewey, se não sua intenção, tem sido a causa de o indivíduo inquiridor a desaparecer na situação, ou no grupo social, com somente um traço de propósito para marcar sua existência (DWORKIN, 1999, p. 13).

Em seu famoso texto *John Dewey: A Centennial Review* (Uma Revisão do Centenário), Martin Dworkin realizou uma análise da projeção da obra deweyana decorridos 100 anos do seu nascimento, em 1959. Dworkin destacou o problema da linguagem de Dewey e, ao mesmo tempo, a sua teoria da linguagem. Segundo o autor, Dewey “escreveu mal”, tinha um estilo “opaco” e “ambíguo” (cf. *Ibidem*). De fato, qualquer leitor da obra de Dewey poderá identificar um estilo de conciliação em sua escrita. Fica muito evidente a afirmação de William James de que o pragmatismo é um método de assentar disputas metafísicas. Sua narrativa está em permanente negociação com posturas filosóficas antagônicas, opostas.

Por ser uma narrativa de conciliação, sua escrita evita posturas radicais e diretas. Isso pode levar a uma interpretação de sua obra que tende a considerá-la sob o prisma da imparcialidade, o que não é procedente. Dworkin reconheceu o desafio de Dewey em usar uma linguagem radicalmente marcada pelo dualismo com vistas a defender um pensamento antidualista. Por isso Dworkin está certo: o problema da linguagem em Dewey remete ao problema fundamental da sua filosofia, ou seja, superar os antagonismos que marcaram a história do pensamento ocidental (cf. *Ibidem*).

Sobre o tema específico dos signos, o pensamento de Peirce foi fundamental para o pragmatismo. De acordo com Bernstein, sua principal crítica foi destinada ao cartesianismo que insistiu em um dualismo ontológico e na oposição entre signo e pensamento. Peirce reconcilia com sua semiótica essas duas dimensões, formando uma tríade entre linguagem, signo e pensamento. Vamos abordar mais adiante as relações da linguagem com o pensamento. Dewey estudou esse assunto em sua obra *Como Pensamos*, publicada em 1933. A respeito da crítica do pragmatismo ao cartesianismo e sua incidência sobre a compreensão da linguagem, considera Bernstein:

Os filósofos pragmatistas se rebelaram contra o cartesianismo que afetava (ou, mais bem, se diria infectava) a filosofia moderna. Em 1868, Peirce escreveu uma série de artigos revolucionários nos quais atacava com virulência o cartesianismo, ao que considerava como um câncer da filosofia moderna. Sua pretensão era demolir em um só golpe os principais temas implicados entre si no cartesianismo: a dualidade ontológica entre alma e corpo; o individualismo subjetivo implícito na apelação última à verificação pessoal direta; o método da dúvida universal que supostamente conduz a verdades infalíveis; a doutrina de que a linguagem e os signos são disfarces externos do

pensamento; a doutrina de que o difuso é irreal e de que a investigação filosófica consiste em conhecer de modo claro e distinto uma realidade, e, finalmente de modo central, a doutrina de que podemos separar-nos de nosso sistema de signos e ter um conhecimento, direto e intuitivo, dos objetos. Peirce buscou uma perspectiva filosófica compreensiva que desafiasse a tradição cartesiana – uma perspectiva que pusesse o acento na primazia da “comunidade de investigadores”. Existe uma conexão íntima entre os conceitos da comunidade, o real e a verdade (BERNSTEIN, 2010, p. 165).

No âmbito dos autores brasileiros, destaca-se o trabalho de Santaella (2004), intitulado *O Método Anticartesiano de C. S. Peirce*. Sua preocupação fundamental está na semiótica e nos processos comunicacionais. No capítulo *A desconstrução do cartesianismo*, há uma especial discussão não só sobre as críticas de Peirce contra as ideias de Descartes, como também do cartesianismo como corrente filosófica. De acordo com a autora: “A rejeição ao cartesianismo não foi um ponto de partida leviano e despropositado, mas uma consequência de sua busca [de Peirce] por uma fundamentação epistêmica mais adequada e apropriada aos desafios para os quais as ciências, na segunda metade do século passado, já estavam apontando” (p. 32). A crítica principal de Peirce se concentrou na “ação mental intuitiva”, própria do cartesianismo. A resistência dos pragmatistas ao “conceito de intuição” levaria ao surgimento da semiótica. Por outras palavras, o esforço de Peirce concentrou-se na desconstrução da “mente cartesiana” (p. 34). Uma reflexão mais detalhada demandaria um aprofundamento maior na noção de intuição do cartesianismo, o que se distancia do objetivo do nosso estudo. Esse processo de desmanche da *mente cartesiana* também foi operado pela psicologia e pelos estudos do inconsciente da psicanálise de Freud e Jung. A respeito da aproximação de Dewey com as ideias de Peirce, Bernstein tem a esclarecer:

Quando Peirce ensinava em Johns Hopkins pela época em que Dewey estava estudando seu doutorado, não foi uma influência direta nesse momento. Nesse período, Dewey estava cativado pelos mistérios de Hegel. Não obstante, à medida que o pensamento de Dewey foi desenvolvendo-se, se aproximou cada vez mais ao espírito da filosofia de Peirce. A ênfase no social e na comunidade, central na perspectiva de Peirce e pedra angular na filosofia de Royce, promoveu uma torção na filosofia de Dewey (BERNSTEIN, 2010, p. 166).

Desse modo, a linguagem em Dewey, ao valer-se das noções de signo e significação, mostra um estreito vínculo social e comunitário. Ela não apenas favorece a comunicação, mas também evidencia uma dimensão política, pois permite associação entre os indivíduos no serviço da vida democrática. Aqui o pensador norte-americano parece distanciar-se das ideias de Hegel, ao defender que a linguagem precisa ter uma “ordem gramatical encarnada” (DEWEY, 1980, p. 33). Os críticos da dialética de Hegel insistem na tese de que sua teoria consiste em um jogo de ideias desencarnadas, por exemplo. Marx afirmou que o hegelianismo desfigurou a dialética, transformando-a em um espiritualismo. O contato de Dewey com a semiótica de Peirce levou-o a uma preocupação com a questão da linguagem.

2 Linguagem e Pensamento

O nosso intento nessa parte do trabalho é estudar a relação entre linguagem e pensamento, especialmente no capítulo 16 da obra *Como Pensamos*, de 1933. Em sua reflexão, Dewey defendeu a ideia da linguagem como instrumento do *ato de pensar*. A ênfase de Dewey na dimensão do pensamento evidencia sua formação hegeliana, que ele tentou conciliar com a filosofia empírica. Nessa mesma obra, o autor analisou a importância das ideias no “treino” do pensamento. Dewey (1959a) afirmou que a relação entre linguagem e pensamento consiste em um verdadeiro problema, tanto no plano filosófico quanto no educacional. Tentou demonstrar o pensamento nos limites da linguagem.

O próprio termo “lógico”, derivado da palavra *logos*, significa, indiferentemente, palavra ou linguagem e pensamento ou razão. Entretanto, a expressão “palavras, palavras, palavras” indica *secura mental*, pseudo-pensamento. [...] A convicção de que a linguagem é necessária (ou mesmo idêntica) ao pensamento é contrariada pela ideia de que ela desvirtua e mascara o pensamento. Eis um verdadeiro problema. Existem três pontos de vista típicos, quanto à relação entre pensamento e linguagem: primeiro, que os dois se equivalem; segundo, que as palavras são o revestimento, a indumentária do pensamento, necessárias, não para o próprio pensar, mas para comunicar o pensamento; e terceiro (ponto de vista que adotamos), que, embora a linguagem não seja o pensamento, é necessária ao pensamento e à comunicação (DEWEY, 1959a., p. 227).

Dewey partiu da definição etimológica da palavra lógica, buscando suas origens na língua grega, para demonstrar a reunião em uma mesma expressão de duas dimensões aparentemente antagônicas: *linguagem e pensamento* ou *palavra e razão*. Por sua vez, evitou o palavrório da *secura mental* e do *pseudopensamento*. Aqui caberia uma ressalva para lembrar as críticas deweyanas à escola tradicional, por insistir num verbalismo estéril. Para William James: “Tantas disputas em filosofia giram em torno de palavras e ideias mal definidas, afirmando cada lado que a sua própria palavra ou ideia é verdadeira, que qualquer método aceito de tornar significações claras deve ser de grande utilidade” (JAMES, 1943, p. 18). A palavra, produto da linguagem, pode ou não expressar o pensamento; esse é o problema a que Dewey se refere. Muitos embates no campo das ideias giram em torno das palavras. Por isso, para James, é preciso submeter os debates à *regra pragmática*. Dewey apresentou a complexidade do problema da relação entre linguagem e pensamento. Sustenta duas posturas mais radicais: pensamento e linguagem se equivalem e a linguagem mascara o pensamento. Por outro lado, a postura que ele mesmo defende é a de que pensamento e linguagem não se equivalem, mas que ambos são necessários à *comunicação*.

Para Dewey (1959a, p. 228-229), a linguagem, como já sinalizamos, não se reduz ao elemento verbal, às palavras orais ou escritas. Ela também contempla “gestos, figuras, monumentos, imagens visuais, movimento dos dedos – tudo que seja empregado, intencional e artificialmente, como *senal* é, logicamente, linguagem” (cf. *Ibidem*). Ainda insistiu Dewey que “o pensamento não trabalha com meras coisas, mas com seus significados” (cf. *Ibidem*). Sobre a compreensão das coisas entendeu: “Privadas de seu sentido, as coisas não passam de estímulos cegos, coisas brutas ou fontes casuais de prazer ou dor” (cf. *Ibidem*). Os significados são

expressos por meio de coisas físicas que fixam e transmitem o seu conteúdo, “são os símbolos”. Aqui Dewey demonstra claramente seu vínculo com a semiótica de Peirce. Pensar é recorrer à linguagem, aos *significados* e aos *símbolos* que lhes correspondem. “Quando vemos um sinal, não nos importa como seja em si mesmo, mas importa-nos tudo que significa e representa” (DEWEY, 1959a. p. 228-229). A respeito do símbolo esclareceu Dewey: “Um símbolo é, como todo instrumento, todo utensílio artificial, projetado para fim de transmitir um significado” (DEWEY, 1959a. p. 228-229). Desse modo, a linguagem seria a dimensão simbólica do pensamento, ou, em outros termos, o pensamento traduzido em símbolos, favorecendo a comunicação e a associação entre as pessoas. A linguagem tem uma *função representativa*, segundo as ideias deweyanas.

A palavra, para Dewey tem uma tríplice função; ela é apresentada como: *cerca*, *rótulo* e *veículo*. O entendimento da palavra como *cerca* mostra a sua referência a algo real e concreto. Do contrário, o seu significado seria “obscuro e vago”. Afirmou Dewey (1959a): “A alegria das crianças quando perguntam e aprendem os nomes de tudo que as cerca mostra que, para elas, as significações se estão tornando entidades concretas e que as relações com as coisas estão passando do plano físico para o plano intelectual” (p. 230). Na linguagem temos a conjugação desses dois planos: *físico* (ou natural) e *intelectual*. Para Dewey, dar nome a alguma coisa é significá-la, isto é, outorgar-lhe um título, honrá-la. Por isso, a coisa como simplesmente objeto físico e natural não consegue ser um instrumento de comunicação. O segundo elemento da palavra é compreendê-la como *rótulo*, ou seja, essa é a dimensão da “significação que foi fixada por um sinal linguístico que se conserva para uso futuro” (p. 231). Lembrou Dewey que “muitas vezes, as palavras corrompem e alteram os significados que se supõe deveria conservar intactos; o risco de infecção é, porém, o preço pago por todo ser vivo que tem o privilégio de viver” (p. 231). Quanto à ideia da palavra como *veículo*, esse seria o aspecto do *novo contexto de uso* e da *transferência*. “As formas verbais são, para nós, o grande serviço de transporte, veículos de boa marcha, que carregam as significações das experiências que já não mais conosco se relacionam, para as que ainda são obscuras e dúbias” (p. 232). A palavra seria o elo com o tempo, inclusive, promovendo a relação entre passado, presente e futuro.

Dewey apontou para a relação entre as *palavras* e as *sentenças*, mostrando assim o aspecto lógico da linguagem. A *significação* pode ser compreendida como *conceito* ou *noção*. Aqui o foco está na *ideia* ou na dimensão *racional*, mais um indício da formação hegeliana de Dewey. “A gramática exprime a lógica popular inconsciente. *As principais classificações que constituem o capital ativo de nossos pensamentos foram estabelecidas para nós, por nossa língua materna*” (p. 232). A relação da linguagem com a educação no pensamento de Dewey mereceria um estudo à parte. No entanto, vamos apresentar apenas alguns elementos resumidos que nos permitam entender a complexidade da articulação dessas duas dimensões. Segundo as ideias deweyanas, houve historicamente um “abuso dos métodos verbais na educação”. Lembrou William James que: “Reações verbais, apesar de úteis, são insuficientes” (JAMES, 1943, p. 157).

Para Dewey, “tanto crianças como adultos são capazes de empregar até fórmulas verbalmente precisas, sem entender o sentido delas, senão vaga e confusamente” (DEWEY, 1959a. p. 234). Só a palavra não é suficiente para o processo educativo; é preciso abranger também a dimensão do significado. “Uma palavra é um instrumento que serve para pensar na significação que ela traz” (p. 235). Ainda segundo Dewey, há um problema: “Como transformar a linguagem

habitual em instrumento intelectual?” (p. 236). Nesse ponto, Dewey procura reunir a linguagem habitual, que, segundo ele, está plena da vivacidade da língua materna, com o elemento intelectual. Desse modo, o homem não fica apenas restrito ao uso cotidiano da linguagem, no plano natural ou espontâneo, mas também é capaz de pensá-lo, conduzindo-o à dimensão intelectual.

3 Linguagem e Comunicação

Como já apresentamos, para Dewey, a linguagem é um *instrumento* a serviço do pensamento e da comunicação. O plano da comunicação é propriamente aquele que atinge a vida social e política. Dewey também tratou do discurso, embora essa não tenha sido uma preocupação central de seus estudos. No entanto, a expressão *discurso* aparece em seus escritos, sobretudo, em *Experiência e Natureza*, de 1925. Há uma diferença substantiva entre *linguagem* e *discurso*. A preocupação com o *efeito de sentido* é uma marca do discurso. Por sua vez, a linguagem leva em conta o aspecto da significação, da sintaxe e da semântica. Para Bakhtin (2009), há um abismo entre o discurso e a *sintaxe*. Cabe ressaltar que, para Dewey, a língua materna tem uma função importantíssima na linguagem. O pensador norte-americano defendeu o uso da *língua materna* de modo enfático. Essa expressão é recorrente quando Dewey trata do tema da linguagem. Isso nos fornece argumentos para sustentar a figura de Dewey como *intelectual orgânico*, na acepção de Gramsci (2006). A linguagem de acordo com o pensamento deweyano não é algo estanque, mas progride e evolui.

Na história da linguagem, encontramos dois aspectos do desenvolvimento do vocabulário na evolução das palavras: algumas, tomadas no princípio em sentido lato, adquiriram com o tempo, acepção restrita, para designar modalidades da significação; outras cujo sentido era, no começo, específico, tiveram-no depois ampliado, a exprimir relações. O termo *vernáculo*, que agora significa “língua materna”, provém da generalização da palavra *verna*, que significa um escravo nascido na casa do seu senhor. A palavra *publicação* agora significa “comunicação pela imprensa”, mas antigamente se aplicava a todas as espécies de comunicações (DEWEY, 1959a., p. 240).

Alguns elementos são fundamentais na caracterização da relação entre linguagem e comunicação operada por Dewey: a importância do vernáculo, agora chamado de *língua materna*, e a publicação, entendida como *comunicação pela imprensa*. Dewey já observara de modo bastante claro a evolução da linguagem no século XX, ao perceber a importância da língua materna para os processos comunicacionais. O mesmo pode ser dito em relação aos aspectos sociais e culturais, uma vez que a *língua-mãe* procura salvaguardar a legitimidade da *identidade cultural e étnica de um povo*. Segundo Dewey, a comunicação ficou reduzida ao *mundo da imprensa*, embora no passado ela estivesse circunscrita a uma gama muito maior de possibilidades. Aqui temos a importância da imprensa como modo de veiculação dos discursos estabelecidos.

Parece-nos que, segundo as ideias deweyanas, a imprensa teria limitado o horizonte de possibilidades da linguagem. O surgimento da indústria cultural, das grandes empresas de comunicação transformou a imprensa em um negócio. Dewey comparou a linguagem ao dinheiro, por possibilitar as trocas culturais e as

comunicacionais entre as pessoas. A linguagem tem sua função natural que é permitir a associação humana.

As palavras estão para o falar como as moedas para o dinheiro. Ouro, prata e as instrumentalidades do crédito são, primeiramente, coisas físicas, com suas próprias qualidades inatas e finais, não o dinheiro. Mas enquanto dinheiro, são substitutos, representantes, e incorporam a si relações. O dinheiro, enquanto substituto, não apenas facilita a troca das utilidades existentes antes de seu uso, mas também revoluciona a produção e o consumo de todas as utilidades, porque traz à existência novas transações, criando novas histórias e acontecimentos. A troca a partir do dinheiro não é um evento que possa ser isolado. Representa a emergência da produção e do consumo em um novo meio e em novo contexto, onde adquirem novas prioridades (DEWEY, 1980, p. 33).

Uma comparação com Pierre Bourdieu pode ser realizada aqui, se não no plano histórico, ao menos no lógico e no especulativo. Embora Dewey tenha afirmado que a linguagem não é uma simples agência de economia de “energia” na interação entre os seres humanos, podemos compará-lo, considerando as evidentes diferenças, com as reflexões de Bourdieu sobre a linguagem. Para o pensador francês, a linguagem supõe uma *economia linguística*, que ele compara à indústria cultural (BOURDIEU, 2008, p. 48). A linguagem possibilita trocas culturais, linguísticas e promove determinados vínculos sociais. Quando Dewey compara a linguagem com o dinheiro, isso nos chama atenção. A palavra está para a linguagem assim como a moeda está para o dinheiro, ou seja, permite não só trocas culturais, mas também (e principalmente) sociais e econômicas.

Para Dewey (1980), a comunicação visa expressar os significados por meio da linguagem. Afirmou: “A comunicação é consumatória tanto quanto instrumental. É um meio de estabelecer cooperação, dominação e ordem” (p. 50). Esses três elementos pontuados por Dewey na compreensão da comunicação têm uma grande importância: a *cooperação*, a *dominação* e a *ordem*. A dimensão da cooperação é o âmbito da experiência compartilhada. Por sua vez, a dominação mostra que a comunicação pode servir para subjugar as pessoas. O aspecto da ordem visa promover a associação entre as pessoas, ou seja, impulsionar um determinado tipo de vínculo social. “A comunicação e seus objetos afins são objetos dignos de veneração, admiração e legítima apreciação. São valiosos enquanto meios, pois são os únicos meios que tornam a vida rica e variada em significados. São preciosos como fins, pois em tais fins o homem é libertado do seu isolamento imediato e participa da comunhão dos significados” (p. 51). Segundo Dewey, a comunicação deve ser “livre e completa” e favorecer “a posse da significação das coisas”. Por outro lado, a comunicação pode ser também um agente *corruptor*, quando não favorece o pensamento e nem a atitude *crítica* diante da vida.

Conclusão

Por meio desse estudo procuramos demonstrar algumas reflexões sobre a concepção de linguagem no pensamento de John Dewey. Tal questão se torna complexa devido a vasta produção intelectual deweyana. Consideramos os aspectos da *significação*, do *pensamento* e da *comunicação* como elementos centrais na compreensão da linguagem em Dewey.

Ao fundamentar-se nas noções de *signo* e *significação*, muito utilizadas no pragmatismo norte-americano, principalmente com Charles Peirce, evidenciamos o vínculo de Dewey com pensadores da sua época e de seu contexto. A semiótica de Peirce trouxe importantes contribuições para a compreensão da linguagem fundada em novas perspectivas. Dewey utilizou-se de algumas dessas ideias para forjar sua concepção de linguagem.

As noções de signo e significação procuram evitar a teoria de inspiração cartesiana, sustentada na linguagem como o invólucro ou a indumentária do pensamento. Dewey identificou as dificuldades concernentes à relação entre linguagem e pensamento. Chegou ao entendimento de que o pensamento só é possível nos limites da linguagem. Por outro lado, mostrou o pensamento como atividade distinta da linguagem, mas dela dependente para a comunicação. Desse modo, esses elementos se articulam na concepção deweyana de linguagem.

* * *

Referências

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

BERNSTEIN, R. **Filosofia y democracia: John Dewey**. Barcelona: Herder, 2010.

BOURDIEU, P. **Economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 2008.

DEWEY, J. **A filosofia em reconstrução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

_____. **Como pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959a.

_____. **Democracia e educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959b.

_____. **Experiência e natureza**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **John Dewey on education: selected writings**. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

DWORKIN, M. S. John Dewey: a centennial review. In: DEWEY, J. **Dewey on education: selections**. New York: Teachers College Press, 1999.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2010.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Vol. 2.

JAMES, W. **A filosofia de William James: seleção das suas obras principais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

SANTAELLA, L. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.